

Dos *Conceitos Fundamentais da Matemática*

de Bento de Jesus Caraça

à compreensão do “nosso tempo”

Comemorando os 120 anos do nascimento de
Bento de Jesus Caraça e os 80 anos dos
Conceitos Fundamentais da Matemática

Ao referir os *Conceitos Fundamentais da Matemática* de Bento de Jesus Caraça (1901–1948) para compreender o “nosso tempo”, ou seja o “tempo presente”, de que se fala...?; se o ontem, o hoje, o amanhã de alguém, terá sido, é ou será, um “tempo presente”!!?

«*Para os que entram nos mesmos rios, afluem outras e outras águas*» lê-se num fragmento de Heraclito (c.500 a.C.); *os rios* são o existente, *os que entram* somos nós e as *outras e outras águas* são o “nosso tempo” móvel e plural.

Posso estar errado mas penso assim ao reler esse famoso fragmento de Heraclito:

A esse “tudo” existente envolto em “movimento” também se chama *transformação das coisas* e é a percepção humana da transformação das coisas que nos dá a ilusão da passagem do *tempo* — como quando pregamos os olhos numa quase imóvel paisagem através da janela de um comboio e só então nos apercebemos do seu movimento — e a ciência trata de entender o *funcionamento da transformação das coisas*, tentando compreendê-las ao ponto de poder agir sobre elas e sobre elas fazer previsões com acuidade; e à ciência da *transformação das coisas humanas*, chama-se história, e à ciência de tudo isto, pensamento e ideias incluídos, chama-se filosofia.

Foi no mundo físico, na busca de entender o mecanismo básico subjacente à transformação das coisas materiais, que se encontrou a primeira pista para entender o “movimento”, como magistralmente explicam Albert Einstein e Leopold Infeld logo no início de um seu livrinho, *A Evolução da Física*, publicado em 1938: «Um problema fundamental, e por milhares de anos completamente obscurecido pelas suas próprias complicações é o do *movimento*. Todos os movimentos observáveis na Natureza — o da pedra lançada para o ar, o do navio que sulca as águas, o do automóvel que roda pela estrada — são na realidade muito complicados. Para compreendê-los temos que começar pelos casos mais simples e gradualmente irmos subindo. Consideremos um corpo em repouso, no qual não haja nenhum movimento. Para mudar a posição desse corpo é necessário que sobre ele exerçamos alguma influência — empurrá-lo, erguê-lo ou deixar que outros corpos, como os cavalos ou os motores, o façam.».

À prática humana para transformar as coisas, em geral por pulsões, costuma chamar-se, conforme o foco de maior incidência, ora tecnologia, ora arte, ora política. No que toca porém à transformação das coisas humanas, agente e sujeito coexistem num só par: indivíduo–multidão. Daí não apenas a imprevisibilidade do fluir das coisas humanas como a responsabilidade de se estar no mundo. Da magia ao mito e à fé e à arte que cria, do *logos* às “Luzes” e ao materialismo dialéctico, vários foram os instrumentos humanos, quer para eludir o medo quer para combatê-lo ao compreender, interpretar e transformar o mundo, a custo por vezes e por vezes com deleite.

Entendamo-nos: materialismo dialéctico é o método e a forma de pensar que Karl Marx (1818–83) empregou no seu estudo da economia política e que Friedrich Engels (1820–95) — seu colaborador ao longo de quase meio século — rotulou com aquele termo; esse método e essa forma de pensar — que no âmbito histórico da economia política Marx não enjeitou que Engels chamasse “materialismo histórico”, alheio a quaisquer apropriações posteriores do termo — constituem o que veio a chamar-se a “filosofia marxista” sem que para isso o próprio Marx fosse tido nem havido.

É verdade que no âmbito daquele estudo se trata essencialmente de analisar o modo de produção capitalista e de dar a ver como as contradições internas desse modo de produção anunciam a génese de um outro modo de produção, apontando essas contradições internas como a fonte do movimento — como um motor — que subjaz à transformação das formas de produção próprias da economia política; mas se isso já de si convida a acelerar a história exercendo influência na sociedade, empurrando-a e erguendo-a a outro patamar humanamente mais satisfatório, não há dúvida que o método e a forma de pensar que Karl Marx empregou, ou seja o materialismo dialéctico, é algo de verdadeiramente revolucionário; pelo menos do ponto de vista dos “capitalistas”, cujos receios e decidida oposição atestavam só por si a justeza da forma marxiana

de pensar e contra a qual se impunha ao “capital” agir, não fosse a filosofia marxista alastrar; o que veio porém a suceder, embora com sucesso desigual, em vários sectores da actividade humana, e consoante as geografias e as fertilidades do solo em que essa maneira nova de pensar se implantou.

Embora Marx não tenha caracterizado filosoficamente esse método, por ele próprio intuído e praticado, coube a Engels fazê-lo sistematizando-o em certos princípios: tudo interage com tudo; nada permanece o que é; a quantidade transforma-se em qualidade; a negação da negação vai além da afirmação; cada coisa coexiste de alguma forma com o seu oposto. Tal como Leibniz duzentos anos antes tinha sistematizado os chamados princípios da razão: o da identidade (cada coisa tem de ser claramente definida) o da razão suficiente (tudo tem alguma razão de ser), todos os demais princípios da razão — como o da causalidade, o do terceiro excluído, etc. — a eles se reduzindo. É um facto que em qualquer teoria os seus princípios só se destacam ao fim de uma longa caminhada cheia de ciladas, e de surpresas que iluminam o olhar, e só depois de terem sido entendidos — o que nem sempre é fácil — é que se prestam a ser aplicados fazendo progresso em áreas bem diferentes do berço original em que nasceram esses princípios.

Que essa nova maneira de pensar venha a ser desenvolvida e superada, é o próprio das grandes ideias que se transformam enriquecendo a nossa compreensão do mundo: os *Principia Mathematica* de Newton, *A Origem das Espécies* de Darwin, *O Capital* de Marx, a *Introdução à Psicanálise* de Freud, são tesouros não entesouráveis, são berços de ideias revolucionárias que vivem e se transformam na afluência de *outras e outras águas*.

No caso português, o livro de Alfredo Margarido, *A introdução do marxismo em Portugal (1850–1930)* — que só pôde ser publicado depois do “25 de Abril”, em 1975 — é eloquente: em vão se procurarão no corpo do texto os termos “filosofia marxista” ou “materialismo dialéctico”.

É certo que ainda nos anos 30 do século passado, por entre as malhas das diferentes “comissões de censura” — de Maio de 1926 a Abril de 1974 — graças à ignorância dos censores e à argúcia de quem fintava a censura, surgiram na década de 1930 a 1940 alguns escritos furtivamente alusivos ou mesmo impregnados de materialismo dialéctico; é nesse quadro que cabe recordar a lição caraciana, que o jovem Caraça endereçou em 1933 aos jovens da União Cultural «Mocidade Livre» na sua célebre palestra na Padaria do Povo, intitulada “*A Cultura Integral do Indivíduo – Problema Central do Nosso Tempo*”: «O que o mundo for amanhã é o esforço de todos nós que o determinará. Há que resolver os problemas que estão postos à nossa geração e essa resolução não a poderemos fazer sem que, por um prévio esforço do pensamento, procuremos saber, por uma análise fria e raciocinada, quais são esses problemas, quais as soluções que importa dar-lhes — saber donde vimos, onde estamos, para onde vamos». Esta lição era um apelo de Caraça para dar poder ao pensamento, de modo a «compreender e a viver agindo no seu tempo»; lição tão válida hoje como o foi ontem e o será amanhã.

O materialismo dialéctico, ou seja, a “filosofia marxista”, teve em Portugal, com os *Conceitos Fundamentais da Matemática*, o seu primeiro laboratório numa área científica — fora do âmbito exclusivo da história ou da economia —, com enorme sucesso no terreno da prática editorial, devido, pode dizer-se, quer ao precioso conteúdo da obra, quer à cuidadosa roupagem usada pelo autor, para não despertar suspeitas de que se tratava de algo de novo, num país onde vigorava uma ditadura ignorante e repressiva, quer ainda pela percepção conceptual dos que participavam da possível aventura de mudança de classe dominante, indo além da burguesia. Essa obra publicada em 1941–42 em dois livrinhos, (dos três previstos) tem sido objecto de muitas análises do foro matemático, pedagógico e filosófico mas o que importa aqui relevar é apenas o entendimento para a maioria dos seus leitores, de que se tratava de aplicar um método para vencer a dificuldade de entender “o seu tempo”: o método próprio do materialismo dialéctico.

Ao expor o movimento das ideias que servem de fundamento à análise matemática recorreu Bento de Jesus Caraça, de modo original, aos princípios do materialismo dialéctico, tomando as precauções necessárias para passar incólume pelas malhas da coerção do pensamento, imposta no tempo retrógrado da ditadura do Estado Novo, que não era “o tempo” de «alguém que viveu profundamente na actualidade do seu tempo num país fechado» usando as palavras exactas da bailarina e coreógrafa Vera Mantero, ao evocar o cineasta Ernesto de Sousa, outro perseguido pela ditadura, que faria 100 anos no mesmo dia 18 de Abril de 2021, em que comemoramos hoje os 120 anos de Bento de Jesus Caraça.

Nos 80 anos que passaram desde que foi publicado o primeiro volume dos *Conceitos Fundamentais da Matemática*, como de costume, o mundo mudou, mudaram os povos, cada um de nós mudou.

Com as ferramentas da história podemos conseguir uma fantasia plausível para o passado mas quando queremos espreitar o futuro provavelmente só chegaremos a uma fantasia inverosímil: para uns virão amanhã que cantam, para outros dias catastróficos e se para uns houve no passado dias dourados, outros há que aí mesmo vêm noites de treva. Sabendo nós no entanto que uns e outros nem sempre erraram e nem sempre acertaram, que nos resta fazer senão pensar e agir no “nosso tempo”? Mas como é difícil pensá-lo e como é difícil nele agir, sobretudo quando o “nosso tempo”, é para cada um coisa diferente !!!!

No rio em que entramos agora, ainda vemos à nossa frente, a afastar-se, as águas que ainda há pouco vivemos e vemos já chegar outras águas que ainda não vivemos: essa ilusão, que ainda ou já, não conseguimos ver, é o “nosso tempo”: “tempo presente” impregnado de “passados”, de “presentes” e de “futuros”. Como compreender então o “nosso tempo”?

Havemos de munir-nos de algum catavento que nos diga *para onde os ventos nos querem levar* e de algum mapa onde traçar o roteiro *para onde nós queremos ir*, sem que, em vida nossa, possamos realmente saber adonde vamos. Tentemos ao menos viver o “nosso tempo” semeando e arando na terra fértil da juventude, sobretudo no terreno mais jovem, desiderato maior de Bento de Jesus Caraça para transformar o mundo, arriscando, é certo, erros futuros, e sem a possibilidade de os vir a corrigir, a outros que hão-de vir cabendo essa tarefa.

O “nosso tempo” vivamo-lo!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

No que toca a evocações, são tão certas quanto nunca suficientemente reditas as palavras que escreveu e disse Vitorino Magalhães Godinho: «os aniversários e centenários só podem ser úteis se constituírem ensejo para estudar problemas, meditar directrizes, criticar certezas dogmáticas; caso contrário, mumificam os vivos sem ressuscitar os mortos» (em “Comemorações e História”, *Seara Nova*, 1947). Oxalá este pequeno texto possa servir para esse desiderato, evocando o pensamento e a acção de Bento de Jesus Caraça.

NOTAS QUE PODEM SER ÚTEIS

Sobre o fragmento citado de Heraclito Trata-se de Heraclito de Efeso (c.540–c.470 a.C.); a citação é parte de um fragmento identificado como DK22B12 (no sistema de numeração Diels-Kranz, utilizado para as fontes pré-socráticas: Diels, Hermann e Walther Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, Zurich: Weidmann, 1985) e em palavras exactas é: «ποταμοῖσι τοῖσιν αὐτοῖσιν ἐμβαίνουσιν, ἕτερα καὶ ἕτερα ὕδατα ἐπιρρεῖ.»; a tradução em inglês «Ever-newer waters flow on those who step into the same rivers.» encontra-se em : <https://en.wikiquote.org/wiki/Heraclitus> ; na *Internet Encyclopedia of Philosophy* há um comentário muito pertinente de Daniel W. Graham em <https://iep.utm.edu/heraclit/#H3> sobre o sentido da frase; a tradução em francês «Vers ceux qui entrent dans les mêmes fleuves affluent d'autres et d'autres eaux» está no clássico livro *Héraclite et la Philosophie*, de Kostas Axelos, les Éditions de Minuit, 1962.

É comum atribuir a Heraclito frases do tipo «*Tudo flui, tudo se encontra em permanente movimento*» embora não figurem em nenhum seu fragmento referenciado; o caso mais conhecido remete para o diálogo *Crátilo*, de Platão, (ver em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-14062011-133520/publico/2010_LucianoFerreiradeSouza.pdf tese académica, que inclui o texto em grego e uma tradução em português) em que no diálogo surge a dado passo na voz de Sócrates: «Heraclito diz, em algum lugar, que “*tudo passa e nada permanece*”[...]» (Crátilo 402a = DK22A6), o que, por não poder reduzir-se mais, acabou por fixar-se simplisticamente na fórmula: «πάντα ῥεῖ (panta rei)», ou seja «*tudo flui*». O citado livro *A Evolução da Física* tem como subtítulo *O desenvolvimento das ideias desde os primeiros conceitos até à relatividade e aos quanta*; a edição original alemã, de 1938, foi traduzida nesse ano em inglês e em 1941, por Monteiro Lobato em português, sendo editada, em 1957, por Livros do Brasil-Lisboa, col.LBL Enciclopédia,.

Sobre o materialismo dialéctico O termo “materialismo dialéctico”, proposto provavelmente por Joseph Dietzgen, nunca foi utilizado por Karl Marx (ver o *Dictionnaire critique du marxisme*, 1982, P.U.F. sob a direcção de Georges Labica e Gérard Bensussan), mas Friedrich Engels — em resultado de reflexões com Marx 40 anos antes — usa-o em 1886 no seu livro *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* (a IVª secção do livro intitula-se mesmo «O Materialismo dialéctico») e o termo «considera-se que a partir deste momento,[...]designa rigorosamente a filosofia marxista» (Étienne BALIBAR, Pierre MACHEREY, «MARXISME – Le matérialisme historique», *Encyclopædia Universalis*; disponível na *internet*).

Note-se porém que significativamente o termo “materialismo histórico” está ausente no *Manifesto do Partido Comunista*, redigido por Marx e Engels (publicado em 1848) embora todo o Manifesto esteja impregnado desse conceito, constituindo mesmo, juntamente com *A Miséria da filosofia – Resposta à Filosofia da miséria de Proudhon*, livro redigido por Marx (publicado em 1847), as duas primeiras exposições coerentes do materialismo histórico.

No que ao materialismo dialéctico respeita, ínsito em todo *O Capital*, (de que só o primeiro livro foi publicado em vida de Marx, em 1867, sendo os dois livros restantes publicados por Engels em 1885 e 1894) a sua leitura — difícil — é agora facilitada em cuidada edição portuguesa (Karl Marx, *O Capital*, edições Avante, tradução de José Barata-Moura, Livros 1,2,3, em oito vols., publicados de 1990 a 2017); como iniciação bem pode avocar-se a leitura de um ensaio menos conhecido — «Marx e *O Capital*» — de um dos grandes autores de língua portuguesa: Jorge de Sena, em *Maquiavel, Marx e outros estudos*, Cotovia, 1991 (ed.or.1974) que depois do “25 de Abril” pôde editar-se em Portugal.

Os princípios do materialismo dialéctico — como os princípios de qualquer teoria — são enunciados abstractos cuja validade resulta da confrontação *a posteriori* e no concreto com o que deles se pode extrair, e não seria julgar dessa validade ajuizando-os no imediato aquém desse confronto; assim, por exemplo, o “princípio da relatividade de Galileu” estipula que «todo o corpo se conserva em estado de repouso, ou em movimento uniforme em linha recta, salvo se for compelido a sair desse estado por acção de forças exercidas sobre ele», e foi por não ser uniforme o movimento de uma pedra que se deixa cair no solo que se suspeitou que a Terra atrairia a pedra e se previu com base nessa hipótese que uma bola de ferro e uma pluma caindo no vazio da mesma altura chegariam ao solo ao fim do mesmo tempo, previsão que só veio a confirmar-se experimentalmente e com rigor mais de 400 depois, pois no tempo de Galileu não se sabia nem se imaginava que se pudesse “produzir” o vazio; veja-se o *site*: <https://mail.google.com/mail/u/0?ui=2&ik=3249855c5d&view=att&th=1772bdd5aed307fc&attid=0.1&disp=safe&zw> Os princípios de qualquer teoria, devem ser tomados como guias do pensamento activo e não como dogmas, eles próprios evoluindo: o “princípio da relatividade de Galileu” evoluiu para o “princípio da relatividade de Einstein”.

Sobre o materialismo dialéctico em Portugal No Portugal retrógrado de 48 anos de mordança, policiado por um governo beato e boçal, avesso ao pensamento livre, que decapitou toda uma geração, quem escrevia ou falava vivia em si as palavras de «Os Medos» do poeta quinhentista António Ferreira (1528-69):

*A medo vivo, a medo escrevo e falo
Hei medo do que falo só comigo;
mas inda a medo cuido, a medo calo.
Encontro a cada passo com um inimigo
De todo bom espírito: este me faz
Temer-me de mi mesmo, e do amigo.
Tais novidades este tempo traz,
Que é necessário fingir pouco siso,
Se queres vida ter, se queres paz.*

Retrato histórico do tremendo Portugal daquele quase meio século, é o livro de Luís Reis Torgal, *Estados Novos Estado Novo – Ensaios de História Política e Cultural*, (2 vols., Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009), uma grande referência científica sobre o assunto.

Especificamente respeitante à cultura científica e à história das ideias, nesse período, aflorando aqui e ali laivos dialécticos eludindo a repressão de então a muito custo, são muito significativos quer o artigo de Augusto Fitas, «A Filosofia da Ciência em Portugal: as manifestações em torno do Marxismo nas décadas de trinta e quarenta» inserido no Caderno da revista *Nova Síntese*, publicado com o título *Cultura Científica e Neo-Realismo*, Edições Colibri, 2019; quer o livro de Luís Crespo de Andrade, *Sol Nascente – Da cultura republicana e anarquista ao neo-realismo*, Campo das Letras, 2007, dedicado a uma das revistas, *Sol Nascente*, que juntamente a outras, como *O Diabo*, *Síntese*, *Seara Nova*, *Vértice*, foram baluartes na defesa da cultura contra a ditadura.

Conforme pode ler-se no referido livro de Alfredo Margarido acerca do marxismo em Portugal (publ. Guimarães & C^a Editores): «A primeira referência pública a Marx, em Portugal, verificou-se em Coimbra, a 7 de Novembro de 1874, numa conferência recitada (*sic*) no Instituto de Coimbra por José Frederico Laranjo», um ano após a primeira publicação portuguesa (não integral) do *Manifesto do Partido Comunista* publicado originalmente em 1848 em alemão; só em 1975 surgiria a primeira edição integral em português; leia-se a *Nota acerca da Primeira Tradução Portuguesa do «Manifesto do Partido Comunista»*, que precede essa edição, da responsabilidade e cuidadosamente anotada por Vasco de Magalhães-Vilhena; e que suscitou o artigo de Eduardo Chitas «A primeira edição integral do Manifesto em português», inserido em *150 Anos do Manifesto do Partido Comunista – O Manifesto e o seu Tempo*, Edições Colibri, 2000.

O Capital, fez a sua aparição em Portugal através da tradução do francês (de parte do Livro 1, de 1867) publicada em 1883, «exemplarmente infiel ao texto, do resumo do Capital de Gabriel Déville em 1912, que será durante muito tempo o único texto de Marx existente em Portugal», nas palavras de Alfredo Margarido. Sobre «A recepção de *O Capital* em Portugal (1867–1914)» leia-se o artigo de Carlos Bastien, com esse título, inserido em *O Capital de Karl Marx 150 anos depois*, Almedina, 2018.

Sobre os Conceitos Fundamentais da Matemática Por ocasião dos 70 anos da publicação do último volume deste livro, houve algumas iniciativas como o Colóquio “Os 70 anos dos Conceitos Fundamentais da Matemática”, que teve lugar em 25/10/2012 no Instituto para a Investigação Interdisciplinar, organizado por Luís Saraiva (não foram publicadas Actas); na Biblioteca-Museu República e Resistência, também houve uma evocação a 29/10/2012 em que se distribuiu um texto (em anexo a este) intitulado «70 anos dos “Conceitos Fundamentais da Matemática” de Bento de Jesus Caraça», acessível através do *site* da Associação Bento de Jesus Caraça, no endereço <http://www.associacaobentodejesuscaraca.pt/wp-content/uploads/2018/09/cfm2012.pdf> Nesse texto encontra-se uma análise “do livro”, “do que se disse do livro” e “do que nos diz o livro”, e desse texto aqui se respiga um fragmento final da última frase: «[...]dialéctico como era não deixaria de aplicar Bento de Jesus Caraça a metodologia do materialismo dialéctico ao próprio materialismo dialéctico.».

Num interessante estudo intitulado «Bento de Jesus Caraça – Uma Visão sobre o Valor Humano e o Valor Social da Matemática e suas Implicações no Ensino» (tese de doutoramento em Educação, de João Tomás do Amaral — apresentada em 2014 em São Paulo —, ele próprio doutorado em Matemática muitos anos antes) em que o enfoque do materialismo dialéctico de Caraça é ressaltado, refere-se um significativo fragmento rascunhado, sem data nem título (existente no Arquivo da Fundação Mário Soares onde está identificado sob o número 04405.010 – imagem 108), que aponta o “esquema filosófico” que Caraça tinha em mente ao redigir os “Conceitos”; nele são visíveis ao longo da página os seguintes nomes: Heraclito de Efeso, Platão, Aristóteles, Leibniz, Wolf, Kant, Hegel, Feuerbach, Marx, Engels.

Atente-se por outro lado à crítica feita por Caraça, em 1938, ao já citado livro «A Evolução da Física», de Albert Einstein e Leopold Infeld publicado no mesmo ano e a que se refere Caraça escrevendo: «Este carácter dialéctico da evolução dos conceitos é manifesto, como o leitor facilmente reconhece pelo que atrás fica escrito, na evolução das teorias, sua morte, sua substituição» (ver Bento de Jesus Caraça, *Conferências e outros Escritos*, crítica ao livro n' *O Diabo*, nº223, de 31 de Dezembro de 1938).

Refira-se por fim o estreito contacto de Bento de Jesus Caraça com Vasco de Magalhães-Vilhena, aluno da Universidade Popular Portuguesa (UPP) — dirigida por Bento de Jesus Caraça —, que com 17 anos terá certamente assistido à conferência da “Cultura Integral do Indivíduo”, e cujo primeiro escrito publicado sairia dois anos depois, na *Seara Nova*, em 1935, impregnado de Heraclito e de materialismo dialéctico: *Aspectos do pensamento grego – A luta pela inteligibilidade*. Por ocasião dos 100 anos da UPP, em 2019, exibiu-se um vídeo na Padaria do Povo — que fora a sede da UPP — em que António Dias Lourenço, já então militante do Partido Comunista Português e aluno da mesma UPP, foi entrevistado por Armando Myre Dorez, sendo por ele recordada a assídua presença do seu colega Vasco de Magalhães-Vilhena (um ano mais novo), em particular durante uma palestra de António Sérgio, de quem Vasco de Magalhães-Vilhena viria ser o melhor crítico e o maior admirador. Vale a pena referir a este propósito parte da resposta, dada anos mais tarde por este grande historiador das ideias à pergunta: «—Qual a sua posição relativamente à crítica de Sérgio aos fundamentos filosóficos do marxismo?» (em A. Campos Matos, *Agostinho da Silva e Vasco de Magalhães-Vilhena entrevistados sobre António Sérgio*, Livros Horizonte, 2007); essa parte da resposta resume um artigo bem mais completo (Vasco de Magalhães-Vilhena, «Em torno do idealismo histórico-social de António Sérgio», *Revista de História das Ideias*, vol. 5, Tomo II, 1983, 79 págs.): «As críticas de Sérgio ao materialismo histórico, à teoria do reflexo e à dialéctica materialista, tal como ele entende estas teorias, com as limitações bibliográficas que existiam no Portugal obscurantista da época, podem considerar-se justificáveis. O que eu pretendi nesse trabalho demonstrar é que essas teorias, de facto, não são o que Sérgio pensava. Exigem uma interpretação mais fundamentada e rigorosa e o recurso a textos essenciais que Sérgio não podia conhecer.»

É à luz desta resposta — que remete para um Portugal fechado onde era tão difícil a cada um viver no “seu próprio tempo” — dita com tanta lucidez quanto amargura, que se pode entender uma famosa polémica transformada em infeliz discussão entre Bento de Jesus Caraça e António Sérgio sobre os *Conceitos Fundamentais da Matemática* (Amílcar Coelho, *Desafio e Refutação – Controvérsia entre António Sérgio e Jesus Caraça*, Livros Horizonte, 1990).

Sobre o “nosso tempo” de cada um As palavras citadas de Vera Mantero (no jornal *Público*, a 8 de Abril de 2021), assentam como uma luva a uma «geração decapitada», termo este de grande precisão utilizado pelo historiador Vítor Sá (no artigo «Memória de uma geração decapitada. Evocar Mário de Castro», inserido em *Filosofia.História,Conhecimento – Homenagem a Vasco de Magalhães-Vilhena*, Caminho, 1990) para caracterizar o “fascismo salazarista” a que Eduardo Lourenço chamou de modo mais abrangente um «fascismo com as suas próprias características». Como era diferente “esse tempo” do tempo dos que já então viviam “noutro tempo” !! Bento de Jesus Caraça, na sua consciência, faria seu o juízo que o então ainda jovem matemático José Sebastião e Silva fazia de si próprio: «Julgo ser homem do meu tempo, virado para os problemas do meu tempo e do meio em que vivo» («Acêrca do Ensino dos Logaritmos», *Gazeta de Matemática*, nº13, 1943); o historiador Vitorino Magalhães Godinho (1918-2011) publicou um texto em 2001 — que não é demais ler três vezes — onde se ocupa «Da dificuldade de pensar o nosso tempo»; em 2009, escreveu um outro — de grande pessimismo — com o título «Do mundo de ontem ao mundo de hoje – E amanhã? — Problematização da mudança», (ambos os textos inseridos em: Vitorino Magalhães Godinho, *Ensaio e Estudos – Compreender o mundo de hoje*, Vol.II, Sá da Costa Editora, 2010) No primeiro texto, luminoso (retomado no livro, da publicação original em 2001), Vitorino Magalhães Godinho cita, de outro historiador (falecido em 2018), uma crua quase-verdade, que nem por isso nos deve demover de a contrariar: «é quase impossível ter consciência exacta do tempo no qual se vive» (Bartolomé Bennassar, *Un siècle espagnol*, 1982), frase que só peca talvez por ter, lucidamente, um prevenido “quase”. A célebre frase de Karl Marx «Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é *transformá-lo*.», gravada na sua pedra tumular, esteve bem presente no pensamento e na acção de Bento de Jesus Caraça, ao compreender “o seu tempo”; ela surge num manuscrito de Marx, de 1845, em que figuram onze frases, conhecidas por “Teses sobre Feuerbach”, sendo aquela a 11ª, publicadas pela primeira vez por Friedrich Engels, em 1888, em apêndice no seu livro *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Alemã Clássica*. A alusão acerca da “impossibilidade de vir a corrigir erros” remete para uma bela frase extraída da “Cultura Integral do Indivíduo”: «[...]se não receio o erro, é só porque estou sempre pronto a corrigi-lo.»